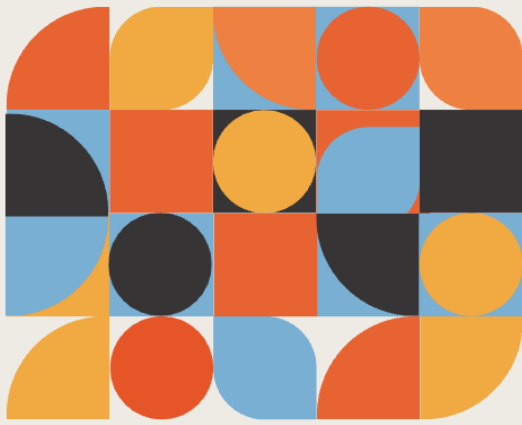




COPS, MODA E A ILUSÃO SUSTENTÁVEL

COPs, Fashion and the sustainable illusion

Horta, Giselly; M.a; Universidade Federal Fluminense, gisellyhorta@gmail.com¹

Resumo

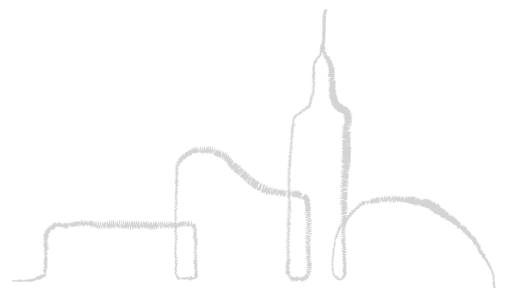
Este estudo analisa as discussões sobre sustentabilidade nas Conferências das Partes (COPs), com foco na crítica ao conceito de "moda sustentável". A abordagem, de natureza qualitativa, combina pesquisa bibliográfica e análise documental. A pesquisa busca compreender como os saberes ancestrais, oferecem uma compreensão mais profunda da sustentabilidade, propondo uma reflexão sobre as limitações das abordagens atuais e apontando caminhos para práticas mais conscientes na indústria da moda.

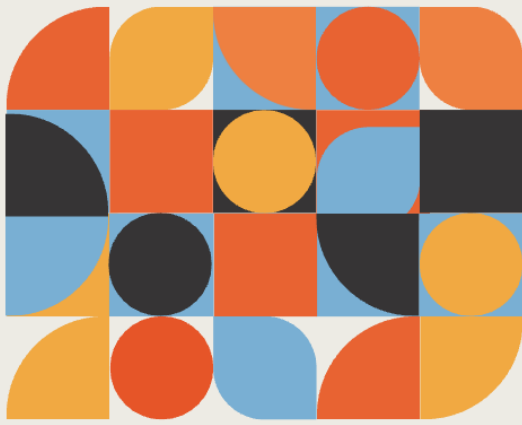
Palavras-chave: moda sustentável; sustentabilidade; povos indígenas;

Abstract: This study analyzes discussions on sustainability at the Conferences of the Parties (COPs), focusing on criticism of the concept of "sustainable fashion." The qualitative approach combines bibliographic research and document analysis. The research seeks to understand how ancestral knowledge, offers a deeper understanding of sustainability, proposing a reflection on the limitations of current approaches and pointing to paths for more conscious practices in the fashion industry.

Keywords: sustainable fashion; sustainability; indigenous peoples;

¹Doutoranda do PPGCOM na Universidade Federal Fluminense (UFF) e Mestra em Antropologia (UFF).





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Introdução

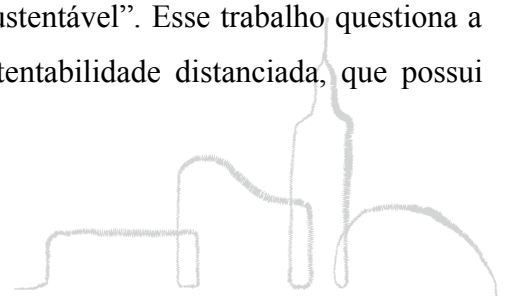
“Ser verde é um bom negócio”, diz setor privado na conferência climática COP24 da ONU², assim inicia a matéria no site das Nações Unidas sobre a COP 24. O destaque se dá para as empresas privadas que deveriam ser vistas não como culpadas, mas como parceiras em olhar para sustentabilidade de forma lucrativa, sendo a sustentabilidade uma forma de aumentar os lucros, portanto a união dessas empresas em relação ao debate proposto na COP deveria seguir como um estímulo para lucrar, como aponta a ONG Solar Impulse Foundation³, que reuniu mil soluções para “salvar o planeta e ganhar dinheiro”.

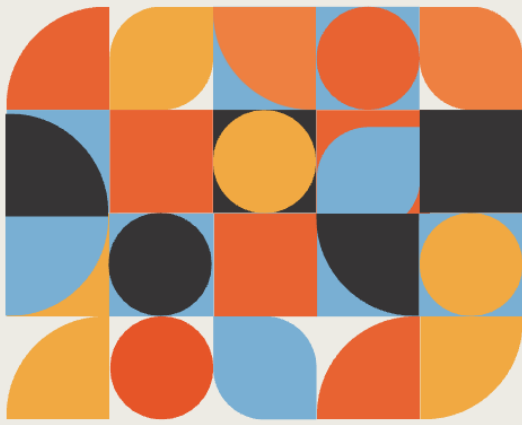
Nessa perspectiva, questiona-se se a sustentabilidade, muitas vezes institucionalizada por corporações, representa uma estratégia de mercado que disfarça interesses lucrativos por trás de discursos ambientais. Para construir o quadro teórico-conceitual, a pesquisa articula conceitos e teorias que criticam o modelo de desenvolvimento hegemônico. O esforço é mapear esse campo de pensamento sobre as "sustentabilidades", identificando conexões e debates que permitem uma reflexão crítica e interdisciplinar. Para fundamentar a discussão, foram analisados documentos oficiais e históricos de eventos como as Conferências do Clima (COPs) e a Carta da Indústria da Moda. Essa etapa busca apresentar o discurso formal sobre a temática, identificando lacunas e as práticas adotadas em um contexto global. A pesquisa também conta com uma imersão em campo por meio de uma entrevista com a indígena Juremeira Alma de Xonsé. O objetivo é complementar a discussão com a colaboração e o conhecimento de um povo originário, buscando um contraponto aos conceitos ocidentais e investigando a possibilidade de uma mudança de paradigma a partir de saberes tradicionais.

Dessa forma, através das discussões globais sobre sustentabilidade, buscou-se encontrar caminhos de definição para o que seria esse conceito e como esse debate se encontra com a moda em sua narrativa, colaborando para a elaboração de um novo conceito intitulado “moda sustentável”. Esse trabalho questiona a forma como as reuniões globais se encaminham em torno de uma sustentabilidade distanciada, que possui

² Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2018/12/1028051> Acesso em: 24 abr 2025

³ Disponível em: <https://solarimpulse.com/> Acesso em: 24 abr 2025





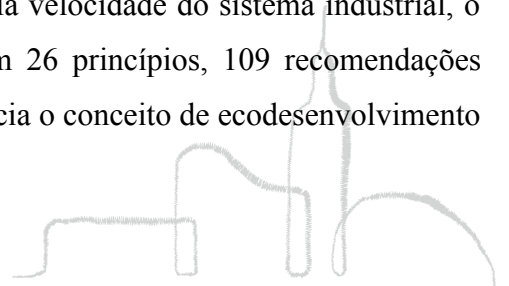
dificuldades em encontrar formas práticas de execução, tanto em caráter geral, como ao se encontrar com a moda nesse trajeto.

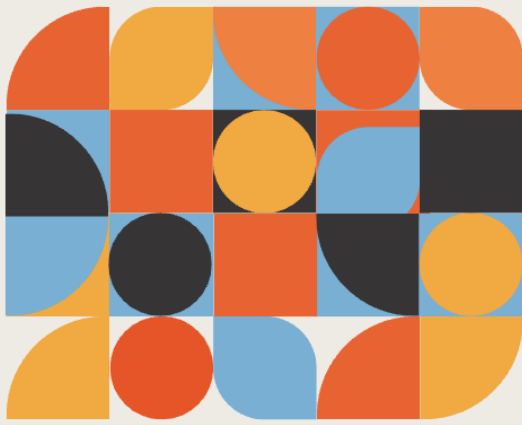
Quem sabe o que é sustentabilidade?

Em 1713, Hans Carl von Carlowitz introduziu o termo *nachhaltigkeit* (sustentabilidade), que apontava para o pilar ecológico, econômico, social e ético (Pisani, 2006), através do tratado *Sylvicultura Oeconomica*, apontando para os problemas da devastação das florestas pela exploração da madeira e queimadas. O termo apresentado por Carlowitz apontava para o uso responsável dos recursos naturais e em sua regeneração, pensando nas gerações futuras, ele via a natureza enquanto um recurso a ser compartilhado. A pauta do meio ambiente percorreu do mercantilismo a Revolução Industrial iniciada no final do século XVIII, desenvolvendo a discussão sobre a administração dos recursos naturais, e até mesmo a ideia da natureza enquanto recurso.

As disputas ideológicas em torno do ambientalismo, principalmente pautadas por John Muir (1838-1914) e Gifford Pinchot (1865-1946) foram base para as discussões que se seguiram, sendo nomeadas de diferentes formas, como ecologia, desenvolvimento sustentável, ambientalismo, ecologismo entre outras tantas (Layrargues, 2000; Viola e Leis, 1991; e Leis, 1991). Tais vertentes do ambientalismo contribuíram para os desdobramentos políticos e ações que se desenvolveram. Grober (2007) aponta que a ideia de sustentabilidade tem cerca de 300 anos e desde que a discussão começou a ser debatida, é centrada no viés econômico e político através do esforço em conectar o desenvolvimento industrial e a preservação ambiental. Através do *novo ambientalismo* ou *novo ecologismo* de McCormick (1992), a luta ambiental ganhou uma reivindicação mais atenta através dos ativismos estudantis, devido aos novos avanços dos estudos científicos e das preocupações em voga.

Em 1972 aconteceu a primeira Conferência das Nações Unidas, em Estocolmo. Esse encontro foi promovido a partir da urgência em debater o impacto negativo gerado pela velocidade do sistema industrial, o uso de recursos naturais e a poluição. Como resultado, desenvolveram 26 princípios, 109 recomendações específicas e a criação do PNUMA com sede no Quênia. Após a Conferência o conceito de ecodesenvolvimento





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

é apresentado por Maurice Strong e difundido por Ignacy Sachs (1986) como sendo o “desenvolvimento endógeno e dependente de suas próprias forças, tendo por objetivo responder problemática da harmonização dos objetivos sociais e econômicos do desenvolvimento com uma gestão ecologicamente prudente dos recursos e do meio” (Raynaut e Zanoni, 1993, p. 7).

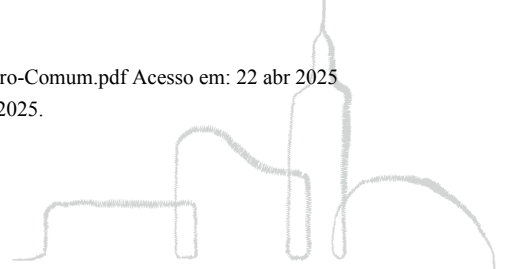
Em 1987 foi criado o Relatório Brundtland intitulado Nosso Futuro Comum (1991)⁴, pela comissão mundial sobre meio ambiente e desenvolvimento. O relatório conceituou o que seria o desenvolvimento sustentável, sendo “aquele que atende as necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem suas próprias necessidades” (1991, p.46). Logo no início do texto a problemática já é apresentada ao constatar que esse conceito “haverá muitas interpretações” (1991, p.46), e de fato, as páginas do relatório buscam convencer a urgência do debate, conceituar o que seria a tal sustentabilidade, e ao final, a solução para tudo acontecer é respondida através da pergunta que eles mesmo indagam: “Como persuadir as pessoas ou fazê-las agir no interesse comum?” (1991, p.49), sendo a resposta: “até certo ponto pela educação, pelo desenvolvimento das instituições e pelo fortalecimento legal” (1991, p.50).

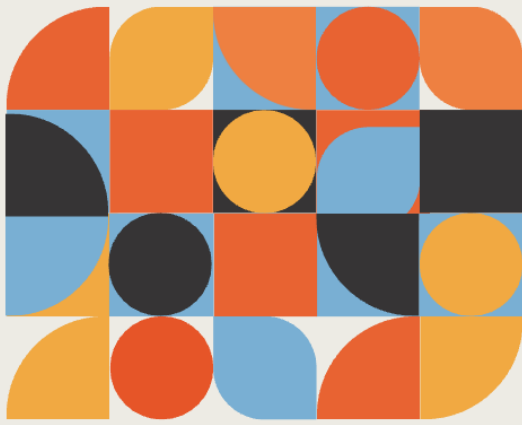
Passamos a ouvir falar mais sobre sustentabilidade e meio ambiente na mídia, mas esses termos ganharam mais força na Rio-92, a Cúpula da Terra, que institucionalizou através de normas de gestão ambiental as práticas empresariais através do debate da sustentabilidade em agendas políticas globais, como no documento Agenda 21⁵ que em suas amplas questões abordavam a mudança climática, biodiversidade, pobreza e desigualdade, consumo e produção, e tecnologia. As informações científicas sobre os impactos humanos na Terra já estavam em pauta como vimos até então, mas foi a primeira vez que os Estados passaram a pensar em definir e criar garantias para um desenvolvimento sustentável.

A Agenda 21 se tornou um guia para governos e instituições pensarem no desenvolvimento sustentável, visto que ela não era obrigatória, ou seja, as partes não precisariam implementar. Além disso o Rio-92 resultou na criação da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC), Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento e a Comissão das

⁴ Disponível em: <https://smastr16.blob.core.windows.net/portaleducacaoambiental/sites/11/2024/05/Nosso-Futuro-Comum.pdf> Acesso em: 22 abr 2025

⁵ Disponível em: <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/Agenda21.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2025.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Nações Unidas sobre o Direito do Comércio Internacional (CNLUD). A proposta dessas convenções era identificar os três maiores problemas ambientais para ter seu próprio curso de ação e trabalhos, são problemas que se relacionam, mas se tornou necessário observar de forma separada para desenvolver uma ação integrada.

Em 1992 foi criada a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (UNFCCC) na Rio-92, dentro desta convenção existem a chamada Conferência das Partes (COP), que é o órgão supremo de tomada de decisões, reunindo representantes de quase todos os países do mundo anualmente para discutir e decidir sobre a implementação da UNFCCC, incluindo assim os debates políticos e técnicos das negociações.

Em 1997, a COP 3 resultou em um consenso entre os países, criando assim o Protocolo de Kyoto⁶. Porém o Protocolo entrou em vigor só em 2005 (COP 11 em Montreal). Os compromissos pelas partes se referiam a emissão de gases de efeito estufa entre os países desenvolvidos, se comprometendo com a diminuição em 5% de GEE entre 2008 e 2012 em relação aos níveis de 1990. Esse acordo observou somente os países desenvolvidos através dos princípios das responsabilidades comuns, porém diferenciadas, pois os países desenvolvidos teriam maior responsabilidade sobre as crises climáticas.

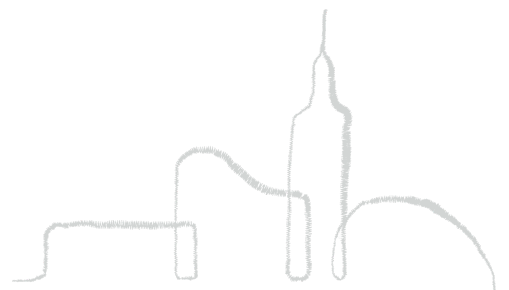
Várias COPs aconteceram anualmente, entre fracassos e discussões, até que em 2015 foi feito o Acordo de Paris (COP 21)⁷, resultado da COP20 em Lima. Todos os países teriam que implementar o Acordo, essa foi a primeira grande diferença dos protocolos anteriores. O objetivo foi limitar o aquecimento abaixo de 2 graus com esforços para 1,5°C, e essa diferença é muito grande para os países insulares.

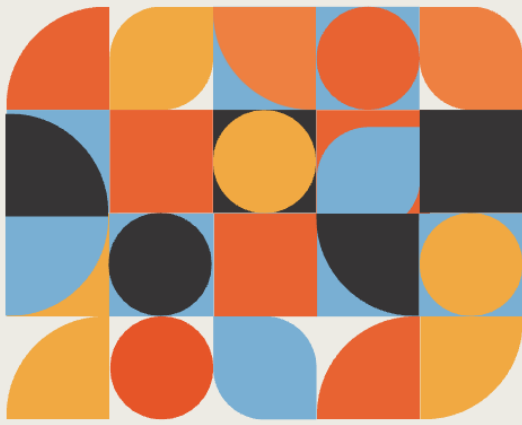
Após o Acordo de Paris, as COPs se voltaram para que se cumprisse esse Acordo, e é essa a discussão que segue até os dias de hoje sem avanços práticos, como veremos na COP de 2025 que será realizada no Brasil. Mas como destaque para o debate, iremos observar as COPs que debateram a indústria da moda: COP 24, COP 26, COP 27, COP 28 e COP 29.

As múltiplas perspectivas das sustentabilidades

⁶ Disponível em: https://unfccc.int/kyoto_protocol. Acesso em: 13 abr. 2025.

⁷ Disponível em: <https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-08/Acordo-de-Paris.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2025.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

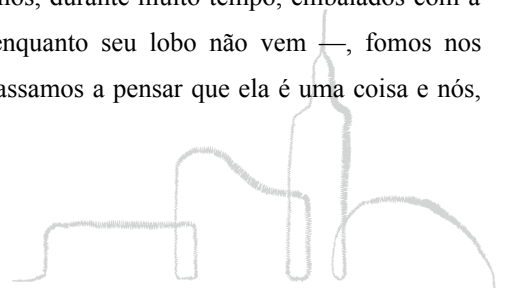
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

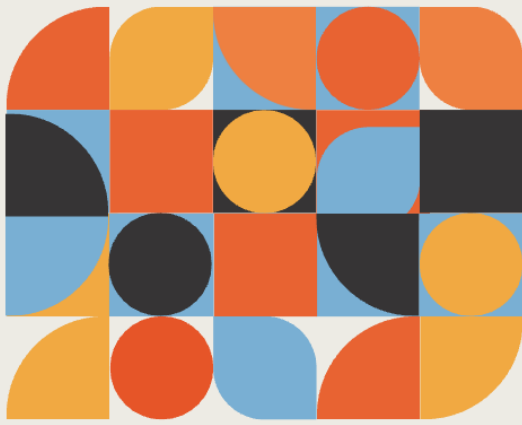
As COPs deveriam produzir caminhos para a prática da teoria desenvolvida em torno do que é a sustentabilidade e a preocupação que emana dessa relação ser humano e natureza, mas o que vemos é o distanciamento das teorias que eles mesmos consideram em seus discursos. Tony Fry (2009) afirma que a sustentabilidade é inatingível dentro desses modelos, tanto o modelo econômico que vivenciamos, e tanto a utopia de acabar com o capitalismo. O caminho que o autor propõe pontua não só um esforço técnico, mas também intelectual e cultural. O autor apresenta o conceito de sustentação, que visa não uma adaptação, mas uma transformação, que vai além de mitigar danos, apontando para um engajamento múltiplo dos atores.

Veiga (2019), fazendo referência ao filósofo alemão Schopenhauer, fala sobre os três estágios da verdade, que primeiro ela é ridicularizada, depois combatida, e por último é acolhida como evidência, e “com a sustentabilidade, um ciclo semelhante completou-se em três décadas (2019, p.12). Talvez tenhamos feito esse caminho histórico e teórico sobre as discussões globais sobre sustentabilidade, encontrado conceitos, suas traduções e interpretações, e parece que nenhuma conclusão se chegou sobre o que seria a sustentabilidade de fato, mas percebe-se que é um conceito em disputa. O ponto é, que a sustentabilidade se tornou um conceito apropriado pelos debates, pela mídia, e até pelas pessoas em seu cotidiano, sendo vinculado às mais diversas coisas, práticas, ideologias, aspirações, e último grito de esperança.

Em Ideias para adiar o fim do mundo (2019), Ailton Krenak expõe no título essa preocupação que permeia e que é motivo central para os debates de sustentabilidade, é preciso pensar em formas de salvar o planeta. As reuniões globais para pensar sustentabilidade no decorrer dos anos evidenciam o quanto essa pauta se tornou urgente, mas será possível pensar formas de sustentabilidade sem considerar os povos originários? Seria possível encontrar a sustentabilidade fora das aldeias? Distante da terra? Nesse mesmo livro Krenak discorre:

Estar com aquela turma me fez refletir sobre o mito da sustentabilidade, inventado pelas corporações para justificar o assalto que fazem à nossa ideia de natureza. Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso — enquanto seu lobo não vem —, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ela é uma coisa e nós,





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza. (KRENAK, 2019, p.16-17)

O esforço em produzir diálogos, estipular formas e métodos e conceituar a sustentabilidade para lidar com a destruição dos recursos e relações insustentáveis, soa como soluções novas, mas tais práticas que parecem ser tão difíceis de serem explicadas nesses documentos e reuniões fazem parte das cosmovisões e cosmovivências indígenas. A ONU ⁸estima que existam cerca de 5 mil povos indígenas diferentes no mundo, e a pluriculturalidade existente entre esses povos difere, porém a relação de preservação da natureza e da biodiversidade é algo sagrado e de conexão entre todos eles.

Segundo a ONU⁹ os indígenas protegem 80% da biodiversidade remanescente do planeta, mas só em 1972, na Conferência de Estocolmo, foi constatada a importância de considerar os saberes indígenas nos processos de entendimento e prática da sustentabilidade, levando novamente a questão indígena para debate global. Em 1989, a Organização Internacional do Trabalho (OIT)¹⁰ adotou a Convenção nº 169. Este é um dos principais documentos internacionais sobre os direitos dos povos indígenas, que reconhece suas contribuições e o direito à autodeterminação. A Convenção nº 169 foi criada para substituir a Convenção nº 107, um documento anterior que, em seu caráter assimilacionista, buscava integrar os povos indígenas à cultura dominante, falhando em proteger suas identidades e direitos.

As grandes Conferências não consideraram ouvir de fato os povos indígenas, como podemos ver na ECO 92 o apelo do povo Yanomami através de uma carta¹¹ direcionada aos líderes globais que estariam na Conferência, pedindo para que sejam ouvidos e pontuando que os brancos estão se aproveitando dos conhecimentos indígenas. A participação indígena nos debates globais de 1970 aos anos 2000 foi uma rede de resistência, como afirma Orue (2011) ao apresentar o debate sobre a paradiplomacia indígena através dos

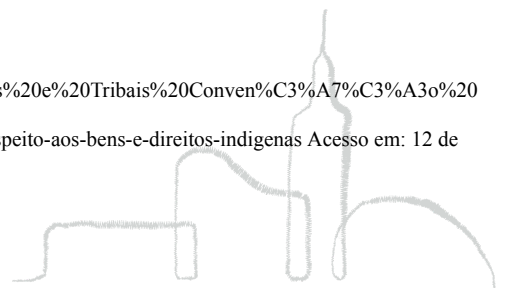
⁸ Disponível em: <https://news.un.org/pt/gallery/168991> Acesso em: 05 de maio 2025.

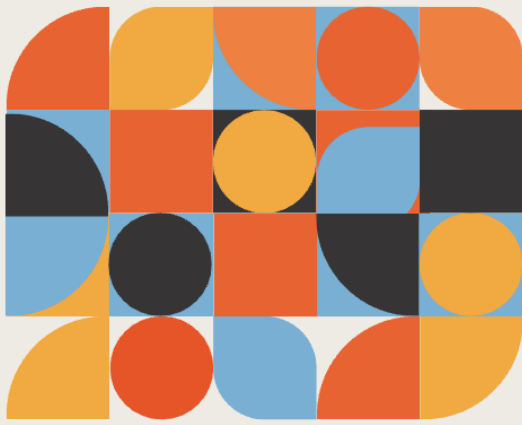
⁹ Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2025/04/1847766> Acesso em: 05 de maio 2025.

¹⁰ Disponível em:

<https://www.oas.org/dil/port/1989%20Conven%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20Povos%20Ind%C3%ADgenas%20e%20Tribais%20Conven%C3%A7%C3%A3o%20OIT%20n%C2%BA%20169.pdf> Acesso em: 10 de maio 2025

¹¹ Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/carta-apresentada-na-eco-92-sobre-o-respeito-aos-bens-e-direitos-indigenas> Acesso em: 12 de maio 2025





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

esforços dos movimentos indígenas em produzir uma agenda global e relações com as organizações globais, governos e ONGs.

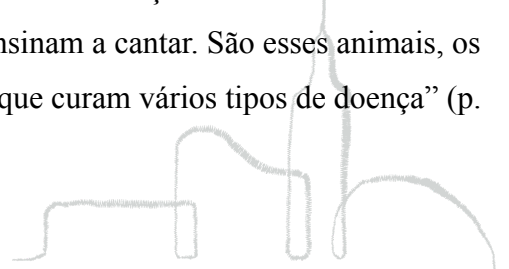
Grosse e Mark (2020) vai pontuar que as COPs são um espaço colonizado, e de fato vemos os líderes globais colocando as pluriculturalidades a mesa como certa obrigação em meio a sociedade e a pressão que os próprios povos produzem, principalmente com o advento das redes sociais, e apenas encaixam pautas que são de sobrevivência em uma estrutura pré definida que já se mostrou falida.

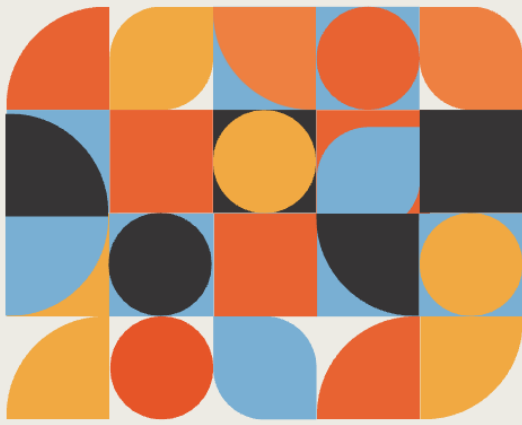
Assim, a fim de encontrar caminhos, em setembro de 2024, estive com a Júlia Vidal, fundadora da escola e consultoria pluricultural Ewa Poranga, e juntas iniciamos um dia de imersão na Aldeia Indígena Filhos Desta Terra. O território é Guaru-Maromomi, na serra do Cantareira, parte da nossa Mata Atlântica onde residem vários povos. As várias borboletas que circulavam com o som dos pássaros nos fez comentar que não parecia São Paulo, de fato, estávamos no meio de alguma floresta longe de qualquer barulho externo. Eu estava ali para ministrar uma oficina de redes sociais, tínhamos horário e um cronograma, na certeza de que nada seria do jeito que programamos, porque o tempo dentro de uma aldeia corre de outra forma.

Alma de Xonsé é a dona da casa, é do povo Xukuru do Ororubá, que tem suas terras demarcadas nos municípios de Pesqueira e Poção, a cerca de 215 km do Recife. Alma de Xonsé mora nessa região há sete anos, é curandeira, guardiã da Jurema, além de oferecer seu artesanato, cosméticos e curas através das cerimônias e rituais, Alma é voz potente na luta indígena. Minha relação com a Alma se estendeu para além daquele dia, e ouvir falar sobre a terra mantenedora, ventre que nos acolhe e nos oferta e que um dia irá nos recolher, me fez pensar sobre os conceitos de sustentabilidade.

Em outro momento a questioneei sobre como se dá essa relação com a terra, e de forma firme me disse que “não explorando apenas para fins lucrativos, cuidando do solo”, e completou apresentando a espiritualidade que emana da natureza através dessa relação, pois ao reflorestar, os animais não sofrem tantas prisões e não se tornam presa fácil, e esse “cuidado com os adubos naturais quanto o zelo espiritual que vem pelas rezas e ofertas a mãe da fome para que este espírito não impeça a energia da abundância alcançar nosso seleiro”.

Yawanawá (2019) vai nos dizer que “são esses pássaros que nos ensinam a cantar. São esses animais, os seus espíritos que nos ensinam a rezar. São essas plantas, essas medicinas que curam vários tipos de doença” (p.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

36), e é através dessa relação sagrada, que não é recurso, mas a própria vida que habita através dos ancestrais que se fazem presença. Alma vai falar que a terra é mãe, e Krenak (2020) diz que “ser filho da terra é aprender que estamos em relação com todos os outros seres sagrados que constituem o mundo” (p.20).

Ao buscar aproximar as questões vistas nos tantos documentos escritos e nas reuniões globais que buscavam inicialmente constatar o problema, conceituar ele e traçar objetivos e soluções, é possível observar o quanto essa relação de respeito entre o ser humano e natureza passou a ser pensada após a própria natureza responder através dos desastres, do peso do ar, da mudança de temperatura, das poluições dos rios, e da falta do que mais seria explorado.

Tais pontos colaboram para que o entendimento de que existe a sustentabilidade discutida nas grandes reuniões globais, que falam sobre desenvolvimento, produtividade e exploração, e as outras sustentabilidades geradas a partir da terra, do solo que é mãe, que ensina a forma de cuidar e se relacionar com todo esse meio. Se a sustentabilidade eurocêntrica evoca uma relação de equilíbrio entre a natureza e o ser humano, por que ao longo da história esse discurso se distanciou cada vez mais da prática dessa unidade, se aproximando cada vez mais da lógica produtivista?

A Moda Sustentável entre aspas

Lilyan Berlim escreveu que “vestimos plantas, pelos de bichos, saliva de lagartas e petróleo” (2012 p.25), ou seja, a roupa vem da terra. Segundo pesquisa realizada pela World Resources Institute (WRI)¹², a indústria da moda é a segunda maior consumidora de água e responsável por até 8% das emissões globais de carbono. De acordo com relatório do PNUMA (2020)¹³ cerca de 9% dos microplásticos que estão nos oceanos vem de roupas e têxteis. Segundo a UNEP (2025)¹⁴ 92 milhões de toneladas de resíduos têxteis são produzidas

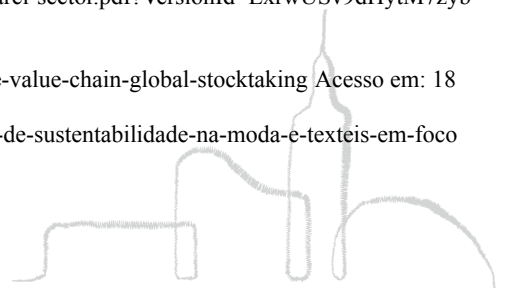
¹² Disponível em:

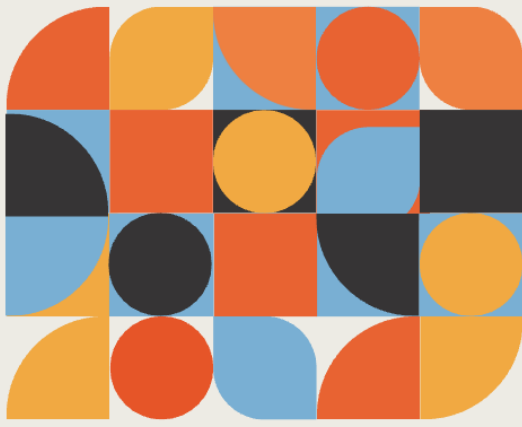
<https://files.wri.org/d8/s3fs-public/2021-11/roadmap-net-zero-delivering-science-based-targets-apparel-sector.pdf?VersionId=LxrwUSv9dHytM7zybuQgoJ8LUHBZVgM1> Acesso em: 18 de junho de 2025

¹³ Disponível em:

<https://www.oneplanetnetwork.org/knowledge-centre/resources/sustainability-and-circularity-textile-value-chain-global-stocktaking> Acesso em: 18 de junho de 2025

¹⁴ Disponível em: <https://www.unep.org/pt-br/noticias-e-reportagens/comunicado-de-imprensa/falta-de-sustentabilidade-na-moda-e-texteis-em-foco> Acesso em: 18 de junho de 2025





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

por ano globalmente, conforme o relatório da Fundação Ellen MacArthur¹⁵ a produção dobrou de 2000 a 2015 e o tempo de vida útil das peças diminuiu em 36%. Poderíamos continuar a discorrer sobre os dados e apresentar as discussões sobre consumo e exploração, mas devido ao tamanho proposto do trabalho chegamos ao momento de observar o quanto essas urgências pautadas nas discussões das sustentabilidades se encontraram com a Moda.

Descobrir quem pode nos dizer o que é a “moda sustentável” se torna um desafio após o olhar crítico sobre a própria sustentabilidade. O *slow fashion* de Kate Fletcher (2007) aponta para práticas e entendimentos das responsabilidades presentes nos processos de produção e consumo na moda, o *zero waste* que visa a produção gerando o mínimo de resíduos, o *cradle to cradle* (Braungart, McDonough, 2002) que fala sobre todo o processo desde a semente até o pós consumo, o *upcycling* que apresenta formas de reuso agregando valor ao que foi descartado, em uma vasta lista de termos em inglês sobre práticas embutidas no que seria a moda sustentável. Joergens (2006) vai dizer que se trata do comércio justo aliado a ecologia, Gwilt (2014) aponta que vai além do produto, sendo um processo intencional que envolve ética e as preocupações ecológicas e sociais, já Salcedo (2014) conduz para uma transformação ética e sistêmica.

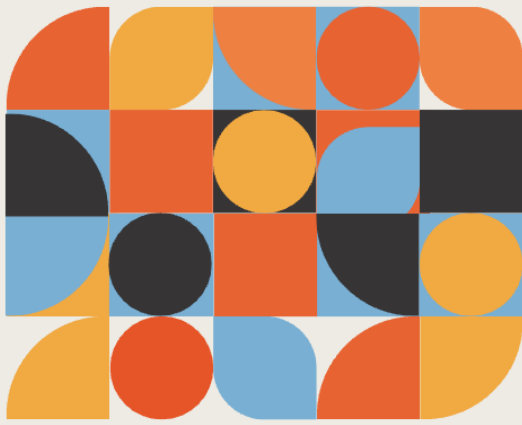
A urgência desse debate promove por um lado o alerta das marcas e por outro a elaboração de termos e tentativas de avanços nesse setor, “o processo de sustentabilidade impele a indústria da moda a mudar. Mudar para algo menos poluente, mais eficaz e mais respeitoso do que hoje.” (Fletcher, 2011, p.10). Através desse pensamento a indústria da moda reagiu, já que vinha sendo criticada pela produção altamente poluente. Patricia Espinosa, chefe da UNFCCC, pontuou que “a indústria da moda está sempre dois passos à frente quando se trata de definir a cultura mundial, por isso estou feliz em vê-la agora também liderando o caminho em termos de ação climática”¹⁶. Esse caminho foi aberto devido à Carta da Indústria da Moda para Ação Climática¹⁷, que foi lançada na COP24, realizada no ano de 2018, na Polônia. Nela contém a iniciativa do setor da Moda em se alinhar ao Acordo de Paris, definindo metas em buscar a neutralidade de emissões de gases de efeito estufa até 2050.

¹⁵ Disponível em: <https://www.ellenmacarthurfoundation.org/pt/uma-nova-economia-textil> Acesso em: 19 de junho de 2025

¹⁶ Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2018/12/1028051> Acesso em: 04 de junho 2025

¹⁷ Disponível em: <https://unfccc.int/documents/186568> Acesso em: 04 de junho 2025





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

A Carta busca reconhecer o papel da indústria da moda na crise climática, sendo assinada por diversas marcas¹⁸. O teor da carta aponta o comprometimento dos que assinaram na: descarbonização da fase de produção, seleção de materiais sustentáveis e favoráveis ao clima, transporte de baixo carbono, melhoria do diálogo e conscientização do consumidor, colaboração com a comunidade financeira e formuladores de políticas para catalisar soluções escaláveis, atuar através de modelos de negócios circulares e ter transparência em seus processos.

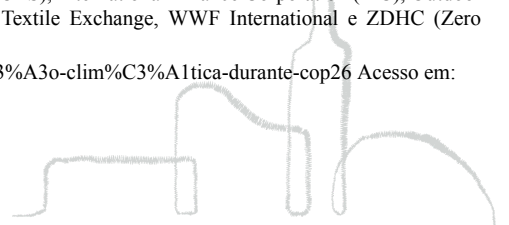
Na COP 26 de Glasgow (2021), a discussão sobre o impacto da indústria têxtil seguiu em torno de um alinhamento com o Acordo de Paris, sendo feita uma renovação da Carta da Indústria da Moda para a Ação Climática. A meta de 30% da redução do efeito estufa passou a ser de 50% até 2030, e a descarbonização da produção também foi abordada, como sendo necessário utilizar matérias-primas sustentáveis e 100% de energia renovável até 2030.

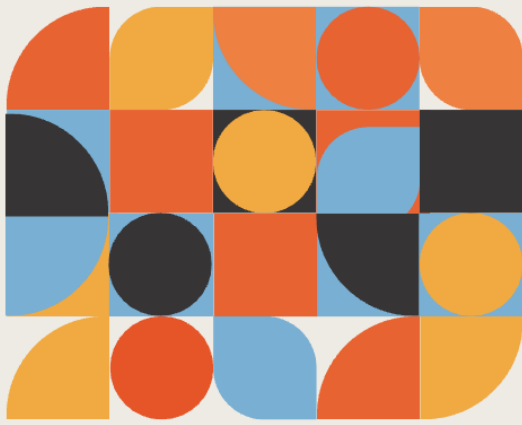
Desenvolver uma ação sistemática onde possa conectar marcas, varejistas, fornecedores, governos e consumidores foi um ponto debatido nos painéis do evento que abordaram a temática, além da justiça social e desse impacto na indústria da Moda. O co-presidente do Comitê Diretor da Carta da Indústria da Moda, Stefan Seidel, apontou que “este é um marco importante para a Carta da Moda, pois aumenta o nível de ambição em um esforço para alinhar a indústria à meta de 1,5°C. É um sinal de que precisamos trabalhar em estreita colaboração com nossos pares”.¹⁹

A COP 27, foi realizada em Sharm el-Sheikh, no Egito, em 2022, o objetivo maior foi a implementação daquilo que foi discutido na COP anterior, focando nos resultados concretos dos acordos traçados, sendo uma reunião de avaliação de tudo o que foi determinado. A Global Fashion Agenda (GFA) e o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) lançaram uma nova Consulta de Objetivos da Indústria da Moda, propondo diretrizes em cinco áreas: ambientes de trabalho dignos e seguros, melhores formas de pagamento e

¹⁸ Adidas, Burberry, Chanel, H&M Group, Kering (que engloba marcas como Gucci, Saint Laurent, Bottega Veneta), Levi Strauss & Co., LVMH, Nike, Puma, Stella McCartney, VF Corporation (que inclui Vans, The North Face, Timberland). Grupo Soma (que inclui marcas como Animale, Farm, Hering), Renner, Malwee, Reserva. Os fornecedores: Crystal Group, TAL Apparel. Tendo o apoio de: Business for Social Responsibility (BSR), China National Textile and Apparel Council (CNTAC), China Textile Information Center (CTIC), Global Fashion Agenda (GFA), Global Organic Textile Standard (GOTS), International Finance Corporation (IFC), Outdoor Industry Association (OIA), Sustainable Apparel Coalition (SAC), Sustainable Fashion Academy (SFA), Textile Exchange, WWF International e ZDHC (Zero Discharge of Hazardous Chemicals Foundation)

¹⁹ Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/157504-ind%C3%BAria-da-moda-intensifica-ambi%C3%A7%C3%A3o-clim%C3%A1tica-durante-cop26> Acesso em: 05 de junho 2025





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

salários, administração de recursos, escolhas inteligentes de materiais e sistemas circulares, ampliando o foco para além do clima e incluindo aspectos sociais e de governança.

Entre as marcas brasileiras, Renner, Grupo Soma e Malwee estiveram presente em painéis apontando seus avanços, e também foi apresentado um relatório feito pela Stand Earth²⁰, onde foi apresentando que a Carta da Indústria da Moda da ONU para Ação Climática conta agora com mais de 100 signatários, e em um recorte de 10 marcas (American Eagle Outfitters, Fast Retailing, Gap Inc., H&M, Inditex, Kering, Lululemon, Levi Strauss & Co., Nike, VF Corp), constatou-se que nove não conseguirão reduzir as emissões em 55% até 2030, sendo a Levi's a única marca desse recorte que parece dar passos maiores em relação a meta estipulada.

Segundo esse mesmo relatório, embora muitas marcas tenham apresentado uma "queda nas emissões devido à COVID" em 2020, as emissões da cadeia de suprimentos de oito em cada dez marcas aumentaram novamente em 2021. Esse cenário se repetiu em outras áreas do setor, como apresentou o relatório Textile Exchange²¹, que a produção global de fibras teve uma queda devido a COVID-19, e em 2021 teve um aumento significativo de 113 milhões de toneladas.

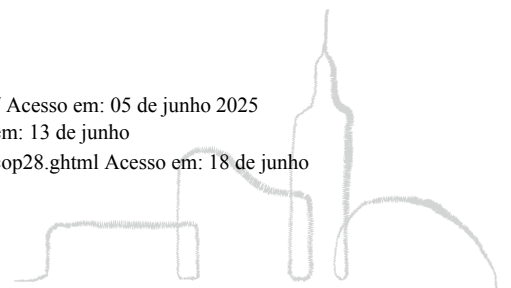
A COP27 evidenciou que, embora a indústria da moda tenha assumido compromissos ambiciosos na COP26, o progresso prático ainda é lento e desigual, com necessidade urgente de maior transparência, colaboração e ações concretas para cumprir as metas e a fiscalização real em seus processos, pois uma outra temática presente nos painéis foi o *greenwashing*, evidenciando que muitas ações existem só no âmbito do marketing com o objetivo de vender mais.

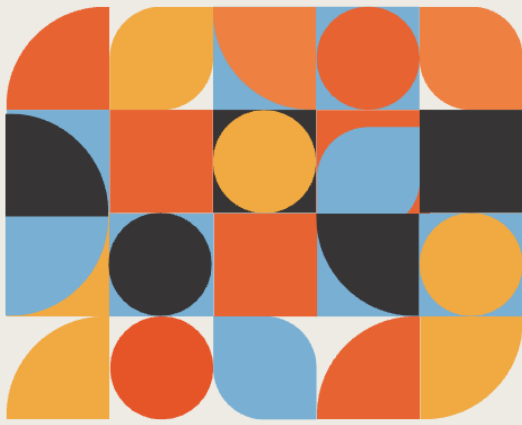
A COP28 foi iniciada com algumas tensões, Muchaneta Ten Napel, presidente da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre as Alterações Climáticas (UNFCCC) da Cultura e Creative Industries Taskforce e professor associado do London College of Fashion, afirmou que “todos nós temos esse cansaço da sustentabilidade porque essas grandes empresas prometem e prometem, e fazem parecer que estamos avançando, mas na verdade, estamos parados – estamos parados com a ilusão de movimento”²², evidenciando o quanto os passos estão muito lentos quando o assunto é moda.

²⁰ Disponível em: <https://stand.earth/insights/are-fashion-brands-on-track-to-meet-the-1-5c-emissions-pathway/> Acesso em: 05 de junho 2025

²¹ Disponível em: https://textileexchange.org/app/uploads/2022/10/Textile-Exchange_PFMR_2022.pdf Acesso em: 13 de junho

²² Disponível em: <https://vogue.globo.com/vogue-negocios/noticia/2023/12/a-ilusao-da-presenca-da-moda-na-cop28.ghtml> Acesso em: 18 de junho





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

A ação da moda na COP28 foi lida apenas como simbólica e longe de ser efetiva, deixando aparente a desconexão com os demais debates e preocupações que permeiam a sustentabilidade. Apesar de ter sido a primeira vez que a COP contou com um desfile de moda com criações voltadas para produções sustentáveis, a sensação que ficou foi a superficialidade do debate, Maxine Bédat, fundadora do New Standard Institute, disse que “simplesmente não há progresso suficiente”²³, e esse poderia ser o resumo do que foi essa COP e de todas as anteriores.

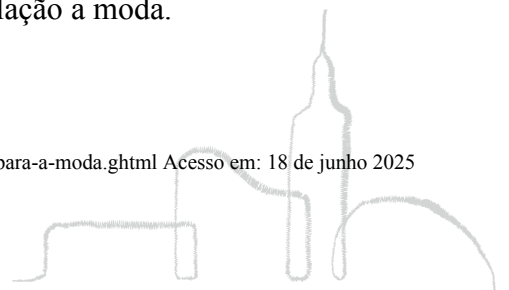
A COP 29, realizada em Baku, continuou a discussão sobre a necessidade de avanços concretos para o setor, apontando para a urgência de prover recursos financeiros para transições limpas. A importância da transparência e rastreabilidade também foi algo considerado urgência para os avanços, assim como a dimensão social, enfatizando a necessidade de proteção dos trabalhadores da indústria.

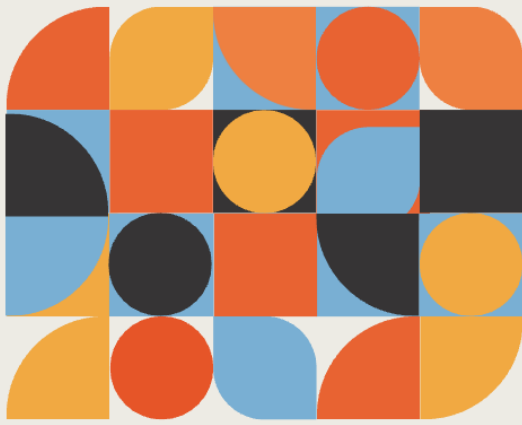
Considerações finais

Para a COP 30, que será realizada no Brasil, espera-se o engajamento de marcas, maiores articulações e o foco no debate na economia circular e valorização da biodiversidade. Já que será realizado em terras Amazônicas, espera-se a escuta de povos originários, que durante a história das COPs e das reuniões globais sobre sustentabilidade foram poucos ouvidos e considerados.

Apesar da esperança nessa espera, observar o desdobramento dessas discussões produz uma incerteza ainda maior em relação ao futuro e das relações de diálogo que é o objetivo desses encontros. Alma de Xonsé, em nossa conversa disse que “vê estás reuniões como uma forma de trabalhar ainda mais em cima da tecnologia e por fim o que era natural vai passar a envenenar e o veneno vai vir pela própria mídia”, ou seja, as soluções propostas para um desenvolvimento sustentável não é pautado em uma melhor relação com a terra, mas sim com o lucro e exploração, a solução é encontrar tecnologias que permitam explorar mais, e esse é um movimento visto de modo geral mas também observado nos debates em relação a moda.

²³ Disponível em: <https://vogue.globo.com/um-so-planeta/noticia/2023/12/as-principais-conclusoes-da-cop-28-para-a-moda.ghtml> Acesso em: 18 de junho 2025





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

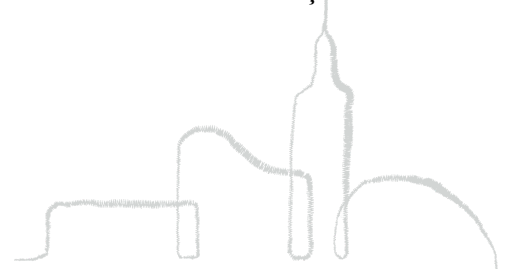
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

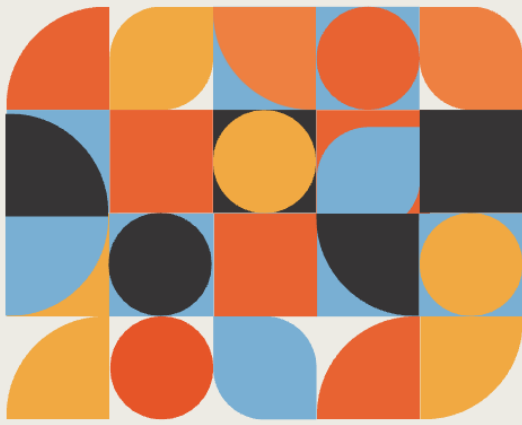
Veiga (2005) diz que a “sustentabilidade não é, e nunca será, uma noção de natureza precisa, discreta, analítica ou aritmética ela sempre será contraditória pois nunca poderá ser encontrada em estado puro (p.113), e através de todas essas contradições que as discussões globais evoca, envoltos de *greenwashing* sem saber ao certo as verdades, intencionalidades e resultados práticos, o ser humano se distancia cada vez mais da natureza, falando tanto sobre preservar e esquecendo que é preciso se relacionar, como nos convidou Nego Bispo²⁴, afinal, é a natureza que cuida de nós, e não ao contrário.

Bibliografia

- BERLIM, L. **Moda e Sustentabilidade: uma reflexão necessária**. Estação das Letras e Cores, 2012.
- BRAUNGART, M., & MCDONOUGH, W. **Cradle to Cradle: Remaking the Way We Make Things**. North Point Press, 2022.
- FLETCHER, K. **Slow fashion: an invitation for systems change**. Fashion Practice, 2(3), 259-265, 2007.
- FRY, Tony. **Design Futuring: Sustainability, Ethics and New Practice**. Oxford: Berg Publishers, 2009.
- GROBER, U. **Deep Roots: A Conceptual History of “sustainable Development” (Nachhaltigkeit)**. Discussion papers, Wissenschaftszentrum Berlin für Sozialforschung. Berlin: WZB, 2007.
- GROSSE, Corrie; MARK, Brigid. **A colonized COP: Indigenous exclusion and youth climate justice activism at the United Nations climate change negotiations**. Journal of Human Rights and the Environment. v.11, n. 3, p. 146-170, 2020.
- GWILT, Alison. **A Practical Guide to Sustainable Fashion**. London: Bloomsbury Academic, 2014.
- JOERGENS, Catrin. **Ethical fashion: myth or future trend?**. Journal of Fashion Marketing Management, v.10, n.3, p. 360-371, 2006.
- LAYRARGUES, P. P. **Educação para a gestão ambiental: a cidadania no enfrentamento político dos conflitos socioambientais**. In: LOUREIRO, C. F. B. (Org.). Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate. São Paulo: Cortez, p. 87-155, 2000.

²⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2e9g3uOLBis> Acesso em: 16 de agosto 2025





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

MCCORMICK, J. **Rumo ao Paraíso: a história do movimento ambientalista.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

ORUE, Joseba Iñaki Arregi. **Cuarto Mundo: la acción exterior de los pueblos indígenas como instrumento de cambio y reconocimiento internacional 1992-2007.** Universidad del País Vasco, Leioa, España, 2011

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PISANI, J. A. **Sustainable development – historical roots of the concept.** Environmental Sciences, v. 3, n.2, 2006

RAYNAUT, Claude, ZANONI, Magda. **La Construction de l'interdisciplinarité en Formation intégrée de l'environnement et du Développement.** Paris: Unesco, 1993

SACHS, Ignacy. **Ecodesenvolvimento: Crescer sem Destruir.** São Paulo: Vértice, 1986.

SALCEDO, E. **Moda ética para um futuro sustentável.** Tradução Denis Fracalossi. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2014.

VEIGA, José Eli da. **Sustentabilidade : a legitimação de um novo valor.** 3. ed. São Paulo : Editora Senac São Paulo, 2019

VIOLA, E. J.; LEIS, H. R. **A evolução das políticas ambientais no Brasil, 1971-1991: do bissetorialismo preservacionista para o multissetorialismo orientado para o desenvolvimento sustentável.** In: HOGAN, D. J.; VIEIRA, P. F. (Orgs.). Dilemas socioambientais e desenvolvimento sustentável. Campinas: Universidade de Campinas, p. 73-102, 1992.

YAWANAWÁ, Biraci. **Tembetá. Kaká Werá** (Org.). Rio de Janeiro: Beco do Azogue Editorial Ltda, 2019.

